

## EMPREENDEDORISMO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

### **Rosana Cardone**

Historiadora pela FFLCH-USP

Tecnóloga em Gestão de Negócios e Inovação pela FATEC-SEBRAE

Coordenadora de Projetos da Literal Comunicação

### **Resumo:**

Este artigo analisa o empreendedorismo em perspectiva histórica, a fim de compreender a relação entre esse fenômeno social e as ideias predominantes em cada época a partir da consolidação do capitalismo moderno no século XIX, com destaque para o contexto da pós-modernidade, no qual o conceito de empreendedorismo assume conotações que evidenciam sua centralidade. Para subsidiar a análise, utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa. O aporte teórico foi fornecido por obras de referência da historiografia e fontes especializadas em empreendedorismo. O enfoque histórico adotado permitiu confirmar que o locus privilegiado do empreendedorismo na sociedade contemporânea foi herdado do processo de acumulação flexível que cunhou o capitalismo atual. Concluiu-se que a configuração e a atmosfera do capitalismo contemporâneo favorecem a disseminação da atitude empreendedora na medida em que valorizam o protagonismo e a ação autônoma, elementos afins com a noção de subjetividade que funda a percepção pós-moderna.

**Palavras-chave:** capitalismo contemporâneo; capitalismo flexível; capitalismo moderno; empreendedorismo; pós-modernidade.

---

FATEC Sebrae – Faculdade de Tecnologia Sebrae - CEETEPS – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – São Paulo, Brasil.

REVISTA FATEC SEBRAE EM DEBATE: gestão, tecnologias e negócios

#### **Editor Geral**

Prof. Dr. Mário Pereira Roque Filho

#### **Organização e Gestão**

Prof. Ms. Clayton Pedro Capellari

#### **Correspondência**

Alameda Nothmann, nº 598 Campos Elíseos, CEP 01216-000 São Paulo – SP, Brasil.

+55 (11) 3224.0889 ramal: 218

E-mail: [f272dir@cps.sp.gov.br](mailto:f272dir@cps.sp.gov.br)

**Abstract:**

This article analyzes entrepreneurship in historical perspective in order to understand the relation between this social phenomenon and the ideas that prevailed in each time from the consolidation of modern capitalism in the nineteenth century, with emphasis on the context of postmodernity, in which the concept of entrepreneurship assumes connotations that show its centrality. To support the analysis, it was used the exploratory bibliographic research methodology, with a qualitative approach. The theoretical contribution was provided by reference works of historiography and sources specialized in entrepreneurship. The historical approach adopted allowed to confirm that the privileged locus of entrepreneurship in contemporary society was inherited from the process of flexible accumulation that coined modern capitalism. It was concluded that the configuration and atmosphere of contemporary capitalism favors the dissemination of the entrepreneurial behavior as far as they value the protagonism and the autonomous action, elements related to the notion of subjectivity that establishes the postmodern perception.

**Keywords:** contemporary capitalism, flexible capitalism; modern capitalism; entrepreneurship; postmodernity.

**Introdução**

O empreendedorismo é um fenômeno de incontestável importância na sociedade contemporânea, dada sua dimensão global e o impacto que exerce sobre a vida dos indivíduos e dos negócios, bem como a expressividade que adquiriu na atual organização da economia.

O presente artigo analisa o empreendedorismo em perspectiva histórica, a fim de identificar os elementos que convergiram para os diferentes contornos do conceito em cada época e conjuntura. Trata-se de demonstrar como a polissemia do termo acompanha as transformações de natureza histórico-social ocorridas desde a fase inicial do capitalismo moderno até o atual cenário de complexidade tecnológica da sociedade pós-moderna.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender, particularmente, a proeminência e a disseminação do termo empreendedorismo na atualidade e sua imbricação com os preceitos da sociedade pós-moderna.

Além de evidenciar a centralidade inequívoca do empreendedorismo no cenário contemporâneo, entende-se que a análise apresentada enriquece as reflexões sobre o tema ao propor uma apreciação de natureza histórica, que permite reconstituir a trajetória do conceito e elucidar sua correlação com as profundas transformações socioeconômicas que engendram o contexto atual.

### **1.1 Objetivo**

O enfoque adotado para o desenvolvimento da análise teve como objetivo favorecer o entendimento da relação entre empreendedorismo e as ideias predominantes nos diferentes períodos históricos. Para tanto, buscou-se delinear um quadro que ressaltasse as principais características de cada época a partir da consolidação do capitalismo moderno no século XIX, com destaque para o contexto socioeconômico da pós-modernidade, no qual a mudança no paradigma de trabalho e a sofisticação da base tecnológica conferiram ao conceito de empreendedorismo conotações que evidenciam sua centralidade.

### **1.2 Metodologia**

Para subsidiar a análise, utilizou-se a pesquisa bibliográfica exploratória com abordagem qualitativa, desenvolvida com base em obras de referência da historiografia acerca das transformações econômico-sociais do mundo ocidental, acrescida de fontes da literatura especializada, a fim de obter um mapeamento das definições de empreendedorismo comumente empregadas.

Adotou-se a pesquisa bibliográfica exploratória por proporcionar maior familiaridade com o tema de estudo e ter “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (GIL, 1999, p. 43). No que tange à escolha da abordagem, optou-se pela pesquisa qualitativa por abarcar “o universo de significados, motivos, cren-

ças e valores e atitudes que correspondem um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 2007, p. 21). E, em última instância, por ser a modalidade de pesquisa que busca atingir o conhecimento de um fenômeno que é significativo em sua singularidade. Ambas as definições se coadunam com o objetivo do estudo, e viabilizaram a compreensão das particularidades do empreendedorismo quando observado em perspectiva histórica.

### **1.3 Aporte teórico e conceitual**

#### **1.3.1 Perspectiva semântica**

Empreendedorismo é um termo marcado pela polissemia conceitual e teve seu emprego modificado inúmeras vezes em cada etapa do desenvolvimento histórico. A polissemia é um fenômeno comum da linguagem cotidiana e designa a multiplicidade de sentidos de um termo (DUBOIS, 2004). Difere da homonímia por referir-se à mesma palavra, e não a palavras com origens diferentes – caso específico do vocábulo empreendedorismo – e tem como causas os usos figurados, a extensão de sentido e a analogia, assim como o empréstimo de acepção que a palavra tem em outra língua (HOUAISS, 2009).

Neste último sentido, Dolabela (1999, p. 43) informa que empreendedorismo é um termo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e designa “os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação”.

Não existe consenso sobre a definição de empreendedorismo nem mesmo na literatura especializada, mas o termo foi sintetizado por Houaiss (2009) em duas acepções principais “disposição ou capacidade de idealizar, coordenar e realizar projetos, serviços, negócios” e “iniciativa de implementar novos negócios ou mudanças em empresas já existentes, geralmente com alterações que envolvem inovação e riscos”.

Em relação à origem, o termo empreendedorismo vincula-se ao vocábulo análogo empreendedor, um neologismo paulatinamente incorporado à língua portuguesa e amplamente utilizado no ambiente acadêmico e corporativo contemporâneo – mas também na mídia e em contexto coloquial nos últimos anos.

Empreendedor, por sua vez, é uma derivação de empreender, verbo registrado em português já no século XV e que tem origem no latim *imprehendere*. De acordo com a pesquisa etimológica de Cunha (1986), o termo empreendedor teria surgido como substantivo no século XVI. Já Houaiss (2009), menciona a datação inicial do verbo empreender em 1619, na forma latina *imprehendo* ou *impraehendo*, com o significado de “tentar executar uma tarefa”.

Stettiner (2013) ressalta que, nos dicionários da língua portuguesa, empreendedor possui definições diferentes das atribuídas à forma francesa *entrepreneur*, usualmente indicada como a origem do termo, pois não está necessariamente ligado ao empresário que inicia um negócio e sim à ideia de empreender, cujo significado pode ser: realizar, arriscar, resolver, delinear, experimentar, colocar algo em prática. Essa amplitude semântica sintetiza-se no termo empreendedorismo, que “diz respeito a profissionais que em função do esforço pessoal conseguem provocar mudanças no meio ambiente em que vivem” (Stettiner, 2013, p. 18-19).

No mesmo sentido, o Sebrae (2017) adota, como visão institucional recente, a seguinte definição: “Empreendedorismo são habilidades para ideação, construção, gerenciamento e desenvolvimento de projetos e negócios, tanto no ambiente social como empresarial”.

O termo empreendedorismo guarda, ainda, estreita relação com a ideia de inovação, enfoque bastante disseminado na atualidade. Entretanto, tal associação não é uma formulação contemporânea, figura com relevância já na consagrada obra de Schumpeter, *Teoria do desenvolvimento econômico*, do começo do século XX, na qual o empreendedor é definido como: “aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais” (SCHUMPETER, 1997, p. 86).

Por fim, e mais proximamente, a ligação entre os termos foi também evidenciada por Peter Drucker, que enfatiza essa interdependência ao afirmar que:

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. Ela pode bem ser apresentada como uma disciplina, ser apreendida e ser praticada. Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes

de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito. E os empreendedores precisam conhecer e pôr em prática os princípios da inovação bem-sucedida (DRUCKER, 2003, p. 62).

### 1.3.2 Delineamento conceitual

A *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, clássico insuperável da sociologia econômica, de Max Weber, foi o primeiro estudo a demonstrar, no início do século XX, como o empreendedorismo e, em especial, a atuação do empreendedor, são primordiais na consolidação do capitalismo.

Numa perspectiva dissonante e abrangente, Weber extrapola a noção convencional da acumulação econômica como causa anterior do capitalismo e atribui seu surgimento a um determinado tipo de mentalidade, à predisposição de um grupo específico:

A questão das forças que motivaram a expansão do moderno capitalismo não é, em primeira instância, uma questão sobre a origem dos montantes de capital disponibilizado para os usos capitalísticos mas, bem acima disso, a origem do espírito do capitalismo (WEBER, 2000, p. 28).

Essa mentalidade e esse grupo que conformam o "espírito do capitalismo" encontram sua máxima representação na figura do empreendedor, ao qual Weber (2000, p. 28) atribui "um caráter extraordinariamente forte" e "qualidades éticas bem definidas e altamente desenvolvidas".

Ele descreve os empreendedores como "homens crescidos na dura escola da vida, calculando e arriscando ao mesmo tempo, acima de tudo sóbrios e confiáveis, perspicazes e completamente devotados a seu negócio" e assevera que:

Nada além disso poderia ter lhe dado o vigor para superar os inúmeros obstáculos, e acima de tudo o trabalho muito mais intenso exigido do moderno empreendedor. Mas essas são qualidades éticas de um tipo bem diferente daquelas adaptadas ao tradicionalismo do passado (WEBER, 2000, p. 28-29).

Esse conjunto de qualidades individuais seriam traços definidores do empreendedor oriundo da burguesia e estariam em total consonância com os valores cultivados pelo protestantismo do período:

Com a consciência de estar na plenitude da graça de Deus e visivelmente por Ele abençoado, o empreendedor burguês, desde que permanecesse dentro dos limites da correção formal, que sua conduta moral estivesse intacta e que não fosse questionável o uso que fazia da riqueza, poderia perseguir seus interesses pecuniários o quanto quisesse, e sentir que estava cumprindo um dever com isso (WEBER, 2000, p. 84).

Sobre este ponto, cabe esclarecer que as qualidades elencadas são, com efeito, idealizadas, representam um tipo ideal de indivíduo socialmente construído e historicamente situado. Por conseguinte, a existência de um empreendedor tal como descrito por Weber só é possível no capitalismo moderno, pois, como observa Martes (2018, p. 258):

Este homem singular é, para Weber, um *tipo social*. E, portanto, enganoso seria concluir que, ao tratar do tema empreendedor, Weber privilegia o indivíduo em detrimento do contexto socioeconômico ou das instituições. O empreendedor é fruto de uma sociedade específica: a capitalista moderna. Mas, o capitalismo sobre o qual Weber se debruça, é aquele do final do século XIX, que traz impresso as marcas da resistência das instituições tradicionais de base essencialmente agrária contra a mecanização, a industrialização, e que por sua magnitude e oposição contribuíram para transformar, por vezes, o empreendedor em herói.

Subjacente a esta interpretação, está a concepção de empreendedorismo como um fenômeno social, que se apoia na definição de fato social de Durkheim (1999, p. 13):

É um fato social toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior, ou ainda, que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais.

Da obra de Weber (2000, p. 28), extrai-se ainda a relação entre empreendedorismo e inovação, visível na alusão explícita ao empreendedor como o "*primeiro inovador*" do capitalismo nascente, relação igualmente evidenciada por Durkheim (1999, p. 3):

Se sou industrial, nada me proíbe de trabalhar utilizando processos e técnicas do século passado; mas, se o fizer, terei a ruína como resultado inevitável. Mesmo quando posso realmente me libertar destas regras e violá-las com sucesso, vejo-me sempre obrigado a lutar contra elas. E quando são finalmente vencidas, fazem sentir seu poderio de maneira suficientemente coercitiva, pela resistência que me opuseram. Nenhum inovador, por mais feliz, deixou de ver seus empreendimentos se chocarem contra oposições deste gênero.

Na mesma linha, o vínculo entre empreendedorismo e inovação recebe destaque também na obra de Schumpeter, na qual o empreendedor é identificado como um tipo de pessoa especial, capaz de realizar combinações novas:

Em primeiro lugar, é uma questão de um tipo de *conduta* e de uma categoria de *pessoa* na medida em que essa conduta é acessível em medida muito desigual e para relativamente poucas pessoas, de modo que isso constitui característica destacada. [...] Em segundo, o tipo de conduta em questão não apenas difere do outro em seu objetivo, sendo-lhe peculiar a "inovação", mas também por pressupor aptidões que diferem em *tipo*, e não apenas em grau, daquelas do mero comportamento econômico racional (SCHUMPETER, 1997, p. 89, nota 84).

Na visão consagrada do autor, o empreendedor é um ator fundamental na promoção do desenvolvimento econômico justamente porque introduz a inovação:

O desenvolvimento, no sentido em que o tomamos, é um fenômeno distinto, inteiramente estranho ao que pode ser observado no fluxo circular ou na tendência para o equilíbrio. É uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, perturbação do equilíbrio que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente (Schumpeter, 1997, p. 74).

Para Schumpeter (1997), o empreendedor é o indivíduo capaz de realizar novas combinações dos meios produtivos para promover o desenvolvimento econômico. Ele destaca suas qualidades individuais na seguinte passagem:

[...] na vida econômica, a ação deve ser decidida sem a elaboração de todos os detalhes do que deve ser feito. Aqui o sucesso de tudo depende da intuição, da capacidade de ver as coisas de um modo que depois prove ser correto, mesmo que não possa ser estabelecido no momento, e da captação do fato essencial, descartando-se o não-essencial, mesmo que não seja possível prestar contas dos princípios mediante os quais isso é feito (Schumpeter, 1997, p. 91).

Como aponta Martes (2010), o empreendedor schumpeteriano é um tipo específico de agente que supera obstáculos e resistências para impor novos padrões de produção. Tal como Weber, Schumpeter concebe o empreendedor não como um indivíduo único e isolado, mas sim como um ser social típico do capitalismo moderno:

Em compilação recente, Chiavenato (2007, p. 3) apresenta o empreendedor como "a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente".

O autor retoma trabalhos contemporâneos e propõe uma definição bastante ampla, que inclui não apenas os fundadores de empresas, mas os membros da segunda ou terceira geração de empresas familiares e os novos proprietários de empresas já existentes:

O empreendedor não é somente um fundador de novas empresas ou o construtor de novos negócios. Ele é a energia da economia, a alavanca de recursos, o impulso de talentos, a dinâmica de ideias. Mais ainda: ele é quem fareja as oportunidades e precisa ser muito rápido, aproveitando as oportunidades fortuitas, antes que outros aventureiros o façam (CHIAVENATO, 2007, p. 3)

Como registro final, destaca-se que Chiavenato (2007), em alusão ao pensamento de Weber e Schumpeter, identifica o "espírito empreendedor" em todas as pessoas dis-

postas a assumir riscos e inovar continuamente e reconhece a dimensão social do empreendedorismo:

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos em uma economia em mudança, transformação e crescimento. Continuamente, milhares de pessoas com esse perfil – desde jovens a pessoas adultas e de todas as classes sociais – inauguram novos negócios por conta própria e agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento econômico e ao progresso das nações (CHIAVENATO, 2007, p. 4).

## **2. Contextualização**

### **2.1 Empreendedorismo em perspectiva histórica**

O entendimento do empreendedorismo nessa perspectiva de natureza histórica requer o exame pontual das principais características de cada etapa do capitalismo a partir da sua consolidação no século XIX.

Parte-se do pressuposto de que os processos históricos circunscrevem e condicionam as formas de atuação do homem na sociedade. Por conseguinte, a compreensão do empreendedorismo como um fenômeno social construído historicamente depende da identificação de determinadas fases do desenvolvimento do capitalismo e das sucessivas transformações pelas quais este sistema passou até adquirir a configuração atual.

### **2.2 Breve trajetória do capitalismo moderno**

Conceitualmente, o capitalismo é definido como um sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro (HOUAISS, 2009).

Em sua versão moderna, o capitalismo surge e se consolida na Europa entre 1848 e o início da década de 1870, período marcado pelas revoluções liberais europeias e por

uma excepcional expansão econômica mediante a qual "uma minoria significativa de países 'desenvolvidos' transformou-se em economias industriais" (HOBBSAWM, 2007, p. 45).

Respalhada pelo liberalismo econômico, que exalta a iniciativa individual, a industrialização iniciada na Europa avança e se alastra rapidamente para outras regiões, delineando um percurso que, em poucos anos, levaria, na explicação de Hobsbawm (2007, p. 49), à criação de "um único mundo expandido". Segundo o autor:

Nunca houve um consenso mais esmagador entre economistas ou políticos e administradores inteligentes no que toca à receita para o crescimento de sua época: o liberalismo econômico. As barreiras institucionais sobreviventes ao livre movimento dos fatores de produção, à livre iniciativa ou a qualquer coisa que concebivelmente pudesse vir a tolher sua operacionalidade lucrativa caíram diante de uma ofensiva mundial. (HOBBSAWM, 2007, p. 51).

Essa célere e notável disseminação da economia capitalista foi considerada por Hobsbawm (2007, p. 49) "a mais importante manifestação" do período moderno e revela a grande confiança dos seus protagonistas nos princípios liberais que a sustentam:

Nunca foi tão alta a euforia entre estes homens de negócios quanto no começo da década de 1870. O capitalismo tinha agora o mundo inteiro a seu dispor, e a expansão simultânea do comércio e dos investimentos internacionais dá bem a medida do entusiasmo que teve em capturá-lo. (HOBBSAWM, 2007, p. 49-50)

Como esclarece o historiador Nicolau Sevcenko (2001b), o capitalismo moderno foi constituído e consolidado em consonância com a ideário liberal:

No contexto do pensamento liberal, prevalece o sentido do primado do indivíduo e do individualismo como um agente livre de cuja iniciativa depende a dinâmica do sistema. Portanto, o conjunto do sistema é estruturado de forma a deixar aberto o caminho para as iniciativas individuais.

Paralelamente, Weber (2000, p. 23) evoca a existência de um "espírito do capitalismo", entendido como "um padrão de vida definido", uma conduta racional baseada na ideia de vocação, que favorece o seu surgimento e consagra a ação empreendedora:

[...] usamos provisoriamente a expressão do *espírito do capitalismo* (moderno) para designar a atitude que busca o lucro racional e sistematicamente, da maneira que ilustramos com o exemplo de Benjamin Franklin. Isso, contudo, se justifica pelo fato histórico de que aquela atitude mental tenha, de um lado, encontrado sua mais apropriada expressão na empresa capitalista e, por outro lado, essa tenha derivado do espírito do capitalismo sua força motivadora mais adequada (WEBER, 2000, p. 26).

Sob este prisma, a formação do capitalismo decorre de uma determinada racionalidade que não visa somente o lucro, mas sim a acumulação: "o lucro sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional" (WEBER, 2000, p. 5).

Tal racionalidade, inspirada na ética protestante, constitui a essência, o *ethos* do capitalismo moderno, e atuou como elemento decisivo para sua consolidação ao viabilizar "o empreendimento racional da iniciativa privada com capital fixo e cálculos certos" (WEBER, 2000, p. 5) característicos dessa modalidade.

Na concepção weberiana, o capitalismo moderno constitui um tipo ideal, um conceito construído a partir da simplificação e generalização da realidade, "uma abstração que permite caracterizar os períodos históricos e as grandes estruturas sociais" (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 491). O mesmo se aplica ao empreendedor:

O tipo ideal de empreendedor capitalista [...] evita a ostentação e gastos desnecessários, assim como o regozijo consciente do próprio poder [...] E a alegria e o orgulho de ter dado emprego para numerosas pessoas, de ter contribuído para o progresso econômico de sua cidade natal, no sentido numérico populacional e de volume de negócios que o capitalismo associa à palavra, fazem parte, obviamente, da satisfação específica e certamente idealista da vida do moderno homem de negócios (WEBER, 2000, p. 29-32).

Nesse sentido, o empreendedor clássico é, por definição, "fruto de uma sociedade específica: a capitalista moderna" (MARTES, 2010, p. 5).

Nas palavras de Weber (2000, p. 26-27):

No início dos tempos modernos os empreendedores capitalistas não estavam entre a aristocracia comercial, e que eram os únicos ou os predominantes suportes da atitude que aqui chamamos de espírito do capitalismo. Estavam muito mais nas camadas emergentes dos pequenos industriais de classe média [burguesia], [...] que muitas vezes ascenderam de condições muito modestas.

Surge assim, nesse momento histórico, uma "ética econômica especificamente burguesa" (WEBER, 2000, p. 84) como um dos elementos constitutivos não apenas do capitalismo moderno, mas de toda a cultura moderna, a qual sustenta e define o empreendedor do período:

O empreendedor burguês, desde que permanecesse dentro dos limites da correção formal, que sua conduta moral estivesse intacta e que não fosse questionável o uso que fazia da riqueza, poderia perseguir seus interesses pecuniários o quanto quisesse, e sentir que estava cumprindo um dever com isso (WEBER, 2000, p. 84).

Nesse entendimento, a noção de empreendedorismo que se consagraria historicamente e que ainda encontra reminiscência no imaginário social, em particular, na figura do empreendedor, é indissociável do contexto histórico que forjou o capitalismo moderno e dos elementos que o engendram:

O triunfo global do capitalismo é o tema mais importante da história das décadas que se sucederam a 1848. Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro. Uma economia assim baseada, e, portanto, repousando naturalmente nas sólidas fundações de uma

burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência elevou-os a tal posição. (HOBBSAWM, 2007, p. 19).

Como sintetiza o historiador Hobsbawm (2007, p. 23), em sua origem, o capitalismo pode ser entendido como "uma forma historicamente específica de sociedade burguesa em sua versão liberal". Tal concepção já sinaliza o caráter dinâmico desse sistema econômico, que se alteraria ao longo do tempo em termos de complexidade e configuração, não obstante preserve, nas diferentes versões, sua essência e fundamentos originais.

No final do século XIX, a despeito "das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso" (HOBBSAWM, 2007, p. 18-19), o capitalismo moderno liberal adquire contornos bastante distintos, com restrições à livre iniciativa, grande intervenção estatal e formação das corporações industriais por meio de cartéis, trustes e monopólios.

Hobsbawm (2007) explica que o capitalismo pós-liberal desse período apresenta quatro mudanças significativas: desenvolvimento de uma nova base tecnológica (eletricidade, ferro, petróleo, indústria química); criação da economia de mercado, com produção e consumo de massa e ênfase em bens duráveis; alteração geopolítica, marcada pela rivalidade entre nações, e subjugação dos países periféricos e protecionismo econômico decorrente do fortalecimento crescente dos estados.

Esse conjunto de transformações consolida o imperialismo como prática política e forma o ambiente ideal para o capitalismo do tipo monopolista que prevalece no início do século XX, no qual o papel e o perfil do empreendedor são também alterados.

Schumpeter (1997) capta e traduz o cerne desse novo contexto ao definir o empreendedor como aquele que promove o desenvolvimento justamente ao introduzir mudanças nos padrões de produção. Conforme observa Harvey, (2010, p. 26):

O empreendedor, que Schumpeter considera uma figura heroica, era o destruidor criativo *par excellence* porque estava preparado para levar a extremos vitais as consequências da inovação técnica e social. E era

somente através desse heroísmo criativo que se poderia garantir o progresso humano.

Nos anos seguintes – que englobam as duas grandes guerras – uma crise econômica mundial sem precedentes abala até mesmo os países capitalistas mais fortes, mas o capitalismo “era uma força revolucionária permanente e contínua” (HOBBSAWM, 2003, p. 19), e, entre 1945 e 1973 o mundo veria surgir uma nova grande expansão conhecida como “A Era de Ouro do Capitalismo”:

[...] Durante os anos 50, sobretudo nos países ‘desenvolvidos’ cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado, especialmente se suas lembranças alcançavam os anos anteriores à Segunda Guerra Mundial. [...] Contudo, só depois que passou o grande *boom*, nos conturbados anos 70, à espera dos traumáticos 80 [...] o mundo do capitalismo desenvolvido passara por uma fase excepcional de sua história; talvez única. [...] O dourado fulgiu com mais brilho contra o pano de fundo baço e escuro das posteriores Décadas de Crise (HOBBSAWM, 2003, p. 253).

Essa oscilação deve ser compreendida como inerente à dinâmica capitalista, já que as diferentes fases do desenvolvimento do capitalismo estão relacionadas “à maneira pela qual este sistema essencialmente instável tem gerado crises periódicas, as quais, até o momento, têm reestruturado o próprio sistema” (HOBBSAWM, 1997/1998, p. 76).

Nesse movimento, no final do século XX, o capitalismo então vigente era significativamente diferente daquele idealizado por Weber, pois tinha agora como pano de fundo um mundo globalizado, não mais eurocêntrico e que assistia à desintegração dos padrões de conduta anteriormente consagrados, cenário que leva Hobsbawm (2003, p. 9) a afirmar: “Não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou”.

### **2.3 Transição para o capitalismo contemporâneo**

Em uma das obras que melhor descrevem a organização e a lógica da sociedade contemporânea, a *Sociedade em rede*, Castells (1999, p. 21) relata que o final do segundo milênio constitui um período histórico *sui generis*, um "raro intervalo da história" no qual uma conjunção de acontecimentos históricos de inquestionável importância e uma incrementação da tecnologia sem precedentes alteram radicalmente o cenário mundial.

Nesse momento, em que "as mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica", o sistema capitalista passa por uma profunda reestruturação, caracterizada, sobretudo, pela "flexibilidade de gerenciamento" (CASTELLS, 1999, p. 22), o que inaugura a forma contemporânea de capitalismo, também chamado de capitalismo flexível ou tardio.

Segundo Harvey (2010, p. 117), a transformação do capitalismo do final do século XX pode ser percebida nos "abundantes sinais e marcas de modificações radicais em processo de processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas de estado", eventos que, sincronicamente, promoveram a mudança no regime de acumulação capitalista que caracteriza a modalidade atual.

Essa mudança, designada como acumulação flexível, embora mantenha os elementos essenciais do capitalismo, altera profundamente a estrutura da sociedade e a organização do sistema produtivo, porquanto:

[...] se apoia na flexibilidade tanto dos mercados de trabalho quanto dos produtos e dos novos padrões de consumo, caracterizando-se pelo surgimento de: setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados, e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 2010, 140).

A flexibilização não desorganiza o capitalismo, nem altera as regras básicas de funcionamento, que continuam em operação para garantir a coesão do sistema, todavia, confere ao capitalismo contornos completamente novos:

[...] o mais interessante na atual situação é a maneira como o capitalismo está se tornando cada vez mais organizado *através* da dispersão, da

mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo, tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e institucional (HARVEY, 2010, p. 150).

Essa reordenação permanente, inicialmente restrita à produção, se irradia para as demais esferas da sociedade e passa a condicionar os comportamentos e as relações sociais, configurando também uma transformação da cultura, personificada agora no pós-modernismo: a "lógica cultural" que fundamenta o capitalismo contemporâneo (JAMESON 1984 *apud* HARVEY, 2010, p. 65).

O conceito de empreendedor, como produto desse momento histórico, não fica imune a esse conjunto de mudanças. E passa, inevitavelmente, por sucessivas ressignificações, as quais refletem o novo *status* que o empreendedorismo adquire na sociedade capitalista pós-moderna.

## 2.4 Empreendedorismo na pós-modernidade

Um adequado entendimento do empreendedorismo, enquanto fenômeno social, requer a identificação de sua relação com outros elementos constitutivos do complexo panorama histórico dessa época, usualmente designada pós-modernidade, que vão muito além da inovação tecnológica, incluem a globalização econômica e cultural, a mudança de foco no sistema produtivo e as alterações paradigmáticas que atingiram todas as áreas do conhecimento e da ação humana, particularmente o mundo do trabalho.

É nesse contexto, marcado pela velocidade, simultaneidade e magnitude das transformações, que o constructo de empreendedorismo adquire importância central e assume caráter de ideologia<sup>1</sup>: torna-se, ele próprio, o novo *ethos* do capitalismo.

No novo cenário, o empreendedorismo torna-se a ideologia do novo espírito do capitalismo, [...] o conjunto de crenças associadas à ordem capita-

lista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela” (BOLTASNKI; CHIAPELLO, 2009, p. 42).

Na qualidade de *ethos*, o empreendedorismo sintetiza o conjunto de valores que permeiam e influenciam a visão de mundo pós-moderna e dialoga diretamente com as novas relações sociais e econômicas que caracterizam o capitalismo contemporâneo, o qual:

[...] sustenta-se por meio da disseminação de um sistema de crenças, valores e hábitos condizentes com os padrões organizativos impostos pela produção flexível e com a necessidade de criar novos arranjos sociais fora das relações salariais. O ideal de uma sociedade do trabalho vai cedendo espaço para o ideal de uma sociedade moldada segundo o *ethos* do empreendedorismo (COLBARI, 2007, p. 76).

Com efeito, no jargão pós-moderno, o termo empreendedor passa a englobar uma nova e ampla gama de significados que inclui tanto um determinado perfil de profissional valorizado por sua "autonomia" no mundo corporativo como o trabalhador efetivamente autônomo, o consultor e o proprietário de micro e pequenas empresas, variantes que refletem a lógica que privilegia os vínculos flexíveis e favorece os novos arranjos produtivos.

Dada sua polivalência e o alto grau de representatividade de fenômenos diferentes, mas relacionados, o termo empreendedorismo é sistematicamente disseminado, e em poucas décadas a noção contemporânea de empreendedor incorpora-se ao senso comum.

Impulsionado por um individualismo agora "muito mais competitivo" (HARVEY, 2010), a cultura do empreendedorismo se firma como tendência no capitalismo flexível e extrapola suas premissas para diversas outras áreas na medida em que:

---

<sup>1</sup> O termo ideologia foi aqui empregado como um sistema de ideias sustentadas por um grupo social,

[...] caracteriza não somente a ação dos negócios, mas domínios da vida tão diversos quanto a administração municipal, o aumento da produção do setor informal, a organização do mercado de trabalho, a área de pesquisa e desenvolvimento, tendo chegado até aos recantos mais distantes da vida acadêmica, literária e artística (HARVEY, 2010, p. 161).

Assim, o empreendedorismo deixa de ser a qualidade intrínseca à figura rara e heroica do capitalista moderno, oriundo de uma categoria social específica, torna-se um padrão de conduta, converte-se em um "fenômeno cultural" (DOLABELA, 1999, p. 28) onipresente na vida do homem contemporâneo, que atinge, inclusive a vida privada.

Como assinala Foucault (2010, p. 224), no capitalismo contemporâneo há um permanente apelo para que todos se tornem empreendedores, logo, o empreendedor contemporâneo é, antes de tudo um, "empreendedor de si mesmo".

Essa universalidade atribuída ao conceito, aliada ao potencial inerente de seus atributos de convertê-lo em preceito, revela-se particularmente apropriada para nortear o pensamento e a ação dos indivíduos em um cenário de fragilidade institucional, desregulamentação do trabalho e valorização da subjetividade, no qual o indivíduo deve ser responsável por se desenvolver, prover o que precisa e se autorregular, como bem ilustra a noção já bastante disseminada de "empregabilidade"<sup>2</sup>.

Assim, o empreendedor deixa de ser o indivíduo raro, dotado de virtudes específicas, para ser aquele que possui disposição e demonstra capacidade de aprender a interagir com as constantes mudanças de cenário, adaptar-se, assumir riscos e enfrentar a incerteza permanente, características, aliás, eleitas como imprescindíveis e exigidas de todos em todos os âmbitos da vida contemporânea.

Esse aspecto, que ajuda a legitimar a ordem vigente, favoreceu a conversão do empreendedorismo em fenômeno de massa, respaldada nessa nova concepção de indivi-

---

que refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam morais, religiosos, políticos ou econômicos (HOUAISS, 2009).

<sup>2</sup> O conceito de empregabilidade surgiu como instrumento de relativização da crise do emprego, face à incapacidade do setor produtivo de incorporar ou manter, no seu interior, o mesmo número de trabalhadores. Surgiu como justificativa para o desemprego em massa, atribuindo à má qualificação dos

duo empreendedor que, segundo López-Ruiz (2007), surge em total consonância com a transformação histórica que resultou na modalidade de capitalismo atual.

A mesma concepção assume contornos bastante mais positivos na visão de Dornelas (2008), segundo o qual

Os empreendedores são independentes e constroem o próprio destino. [...] Querem ser independentes, em vez de empregados; querem criar algo novo e determinar os próprios passos, abrir os próprios caminhos, ser o próprio patrão e gerar empregos. [...] utilizam seu capital intelectual para criar valor para a sociedade, com a geração de empregos, dinamizando a economia e inovando, sempre usando sua criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas (DORNELAS, 2008, p. 24).

Para o autor, trata-se de um fenômeno tão emblemático do capitalismo contemporâneo que permitiria nomeá-lo como "a era do empreendedorismo", já que "são os empreendedores que estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade" (DORNELAS, 2008, p. 7).

Essa definição de empreendedorismo abrangente, com foco no indivíduo, embasa também a visão institucional do *Global Entrepreneurship Monitor - GEM*, programa que monitora o fenômeno em nível global e focaliza o comportamento e as características individuais associadas à atividade empreendedora em diferentes países:

Entende-se como empreendedorismo qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento, como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente. É importante destacar que o foco principal é o indivíduo empreendedor, mais do que o empreendimento em si (GEM, 2014, p. 7).

---

trabalhadores a culpa por estes não atenderem às novas exigências do mercado de trabalho (BRASIL, 1997).

Tais visões coexistem e fornecem um vislumbre da ampla gama de possibilidades que circundam as tentativas de compreensão – e definição – do empreendedorismo no contexto atual.

A despeito das contradições, que, por si só, expressam a instabilidade do cenário e a fragilidade não apenas desta, mas de todas as categorias conceituais empregadas neste momento histórico, identifica-se como elemento comum a vinculação da intensificação do empreendedorismo à desagregação das relações tradicionais de trabalho, marcante no capitalismo flexível, assim resumida por Harvey (2010, p. 149):

Seja qual for a explicação completa para tratar da transformação das economias capitalistas avançadas a partir de 1970, é preciso considerar cuidadosamente essa marcada transformação da estrutura ocupacional. Tudo isso valorizou o empreendedimentismo inovador e "esperto", ajudado e estimulado pelos atavios da tomada de decisões rápida, eficiente e bem fundamentada.

Nessa confluência, registra-se ainda uma última definição que parece captar a essência e expressar o impacto do empreendedorismo no mundo contemporâneo:

Em suma: trata-se de uma força social desencadeada por comportamentos, atitudes e valores que conduzem à inovação, à mudança, potencializando a geração de riqueza e a ação transformadora das condições sociais e políticas (COLBARI, 2007, p. 76).

Oportuno ponderar que, como adverte Sevckenko (2001a, p. 17), "não se pode prever o curso e o ritmo das inovações, mas a ideia de que não se pode compreendê-las, não é verdadeira". Caberia então questionar os rumos dessa ação que consagrou o empreendedorismo inovador e o conduziu ao centro do cenário contemporâneo.

Tal questionamento merece, seguramente, ser examinado em profundidade, e pode vir a ser o ponto de partida para estudos futuros, uma vez que a presente análise pôde apenas fornecer uma abordagem introdutória à matéria tão premente.

### 3. Considerações finais

*Nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos.* David Harvey

O conceito de empreendedorismo muda significativamente ao longo do tempo, atrelado às diferentes visões de empreendedor constituídas e difundidas em cada momento e contexto. A natureza e a extensão dessas mudanças são determinadas historicamente e acompanham as transformações do capitalismo, que assume diferentes configurações em cada etapa de desenvolvimento e passa por uma inexorável remodelação no final do século XX.

No mundo contemporâneo, o empreendedorismo ocupa um lugar central, um *locus* privilegiado, herdado do processo de acumulação flexível que cunhou o capitalismo atual. A atmosfera contemporânea favorece a disseminação da atitude empreendedora, na medida em que valoriza o protagonismo e a ação autônoma, elementos afins com a noção de subjetividade que funda a percepção pós-moderna.

O empreendedorismo é a grande ideologia do capitalismo flexível, talvez a única capaz de responder às fragilidades dos novos arranjos e às constantes mudanças dos cenários em que se inserem a produção e o trabalho na pós-modernidade, posto que reúne um aparato de noções e valores passíveis de fortalecer e direcionar a ação individual. Daí a ampla adesão que o empreendedorismo experimenta no país em todos os setores nas mais diferentes versões<sup>3</sup> e a incorporação definitiva do termo ao vocabulário do cotidiano, que dá a dimensão do grau de integração do empreendedor na sociedade atual, independentemente de tal denominação por vezes ocultar uma condição também frágil perante a instabilidade do cenário.

O senso comum, porém, só reconhece os efeitos positivos do empreendedorismo, estimulado pelas iniciativas institucionais de desenvolvimento de uma percepção favorá-

vel à atitude empreendedora e influenciado, ainda, pela imagem idealizada do empreendedor clássico do capitalismo moderno. É necessário, portanto, circunscrever mais sutilmente o conceito e submetê-lo ao crivo meticuloso da apreciação crítica, a fim de identificar eventuais inconsistências que costumam estar presentes em qualquer discurso que se pretenda universal.

Nesse sentido, apesar da constatação do inegável papel do empreendedorismo como mecanismo de inclusão e alternativa às relações de trabalho tradicionais, caberia indagar se, em alguma medida, a ênfase nas competências eleitas como virtuosas, que definem o caráter empreendedor, não oblitera um estado de coisas precário e excludente e intensifica o individualismo já exacerbado que impera nas relações sociais na pós-modernidade.

A perspectiva histórica que norteou a análise permitiu confirmar a centralidade do empreendedorismo tanto na literatura como na pesquisa especializada que monitora o fenômeno, que constitui, a um só tempo, uma exigência e uma decorrência do capitalismo contemporâneo. Tal dualidade, em particular, suscita aprofundamento.

Reitera-se, finalmente, que a contextualização histórica é crucial para uma compreensão consistente do empreendedorismo e da multiplicidade de conceitos que o fenômeno encerra, sintetizados na figura polivalente e multifacetada do empreendedor contemporâneo que, melhor do que qualquer outro ator social, traduz a lógica do seu tempo.

## 5. Referências bibliográficas

BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. *Educação profissional: um projeto para o desenvolvimento sustentado*. Brasília: Sefor, 1997. MTb/SEFOR.

---

<sup>3</sup> A pesquisa *Empreendedorismo no Brasil: 2015* (GEM, 2015) informa que o Brasil atingiu naquele ano a maior taxa de empreendedorismo da série histórica. Em cada dez brasileiros, entre 18 e 64 anos, quase quatro possuem negócio ou realizaram alguma ação empreendedora visando criar um negócio.

CHIAVENATO, I. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas. Um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio*. 2. ed. São Paulo: Saraiva 2007.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

COLBARI, A. L. *A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira*. In: *SINAIS*, Vitória, v. 1, n. 1, p.75-111, abr. 2007.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DOLABELA, F. *Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. São Paulo. Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócio*. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

DUROZOI, G.; ROUSSEL A. *Dicionário de Filosofia*. Weber. São Paulo, Papyrus, 2005, p. 491.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010.

Global Entrepreneurship Monitor - GEM. *Empreendedorismo no Brasil: 2014. Relatório Executivo*. SEBRAE/FGV/IBPQ. Disponível em <[https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/gem%202014\\_rel%C3%B3rio%20executivo.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/gem%202014_rel%C3%B3rio%20executivo.pdf)>. Acesso em 07 nov. 2017

\_\_\_\_\_. *Empreendedorismo no Brasil: 2015*. Curitiba: IBQP, 2015. Disponível em <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/\\$File/7347.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/$File/7347.pdf)>. Acesso em 07 nov. 2017

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HOBSBAWN, E. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Comentários de Eric Hobsbawm. In: A era de Hobsbawm. Mesa Redonda. *Revista História Social*, Campinas, n. 4/5, p. 53-64, 1997/1998. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/103/99>>. Acesso em: 19 out. 2017.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas; 1999.

LÓPEZ-RUIZ, O. J. *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. *Revista de Economia e Política*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 254-270, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2017.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

SEBRAE. 2017. *Empreendedorismo: como entender a empresa*. Disponível em <<http://www.sebraepr.com.br/PortalSebrae/tipoconteudo/empreendedorismo?codTema=2>>. Acesso em 10 fev 2018.

SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Entrevista Nicolau Sevcenko*. São Paulo: Sesc-SP, 01 out. 2001b. Disponível em:<[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/1267\\_ENTREVISTANICOLAU+SEVCENKO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/1267_ENTREVISTANICOLAU+SEVCENKO)>. Acesso em 03 out. 2017.

Stettiner, C. F. *Perfil empreendedor de professores: um estudo de caso*. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. São Paulo, 2013

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2000